

MÉTODO DE ENSINO DA LEITURA: UMA REFLEXÃO HISTORIOGRÁFICA NO CONTEXTO CAPIXABA (1930)
Elis Beatriz de Lima **Falcão** – UFES

Considerações iniciais

Este trabalho apresenta as primeiras reflexões de uma investigação que orientando-se por uma perspectiva que considere as práticas escolares como objeto investigativo, concebendo-as enquanto práticas culturais, almeja investigar que apropriações os professores fizeram de materiais e métodos que circularam no Espírito Santo (1931-1960) acerca do ensino da leitura, a fim de compreender com base na perspectiva histórico-cultural, a tensão entre táticas de imposição e estratégias de apropriação desses métodos e materiais que foram balizados por uma política.

A leitura e mais especificamente, o fracasso escolar da leitura, vem sendo noticiado ano após ano pela mídia nacional e local por meio do desempenho insuficiente em leitura dos estudantes brasileiros e capixabas¹.

Nesse contexto, algumas problematizações não deixam de emergir: Por que esses dados demonstram resultados tão insatisfatórios com relação à competência leitora? Por que muitos alunos concluem as séries iniciais sem dominar aspectos da leitura e da escrita? Que práticas de leitura vêm sendo desenvolvidas nas escolas? Que concepções de leitura vêm orientando as práticas dos professores em sala de aula?

Assim, a pesquisa histórica ao revisitar práticas de leitura passadas configura-se num caminho para proporcionar àqueles envolvidos com a leitura no contexto atual um momento de reflexão acerca dessas práticas, bem como das concepções que as sustentaram.

Princípios teóricos e metodológicos

Essa investigação orienta-se na perspectiva da História Cultural, pois ela privilegia como objetos de investigação as práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos, tomados estes últimos em sua materialidade de objetos culturais (NUNES; CARVALHO, 1993). Nesse sentido a História Cultural contribui para o estudo proposto no sentido de que o mesmo pretende investigar usos que foram feitos nas escolas primárias capixabas acerca do ensino da leitura, buscando trabalhar o sujeito de forma encarnada nas práticas.

¹ Referencia aos dados do PISA, SAEB divulgados nos últimos anos, em contexto nacional, e aos dados da avaliação do Projeto Ler, Escrever e Contar (SEDU-ES) no contexto local, divulgados pela Gazeta On line em 31/07/08.

Pois, ao dar ênfase nos usos e nas práticas diferenciadas de apropriação dos objetos culturais, deslocamos de uma perspectiva de modelos culturais dominantes para “estudos em que o que importa sobretudo determinar são as múltiplas e diferenciadas práticas de apropriação desses modelos” (NUNES; CARVALHO, 1993, p.50). Nesse sentido, ou seja, ao dar ênfase às diferenciadas práticas de apropriação, torna-se operatório o trabalho sobre a relação entre táticas de apropriação e estratégias de imposição. Assim, no estudo proposto faremos usos das categorias: táticas, usos, estratégias, representação, apropriando-os de Certeau e Chartier. Não esquecendo, porém, como nos alerta Certeau (1982), de que o historiador utiliza categorias históricas que se constroem como unidades de significado, conferindo ordem à documentação, mas, essas categorias se desconstroem pelo movimento do arquivo.

Na pesquisa, e portanto nesses primeiros resultados aqui inscritos, busca-se reconhecer estratégias através das quais os responsáveis pela educação no Estado do Espírito Santo tentavam impor um modelo de ensino, ou método de ensino e apropriações efetivadas pelos professores.

Os primeiros resultados

No Espírito Santo, as orientações da 1ª Lei sobre a instrução pública nacional, o Decreto-Lei de 15 de novembro de 1827, que instituía o método Lancaster do ensino monitorial ou ensino mútuo, permaneceram nos regulamentos de 1848, 1854 e 1861, sendo que o regulamento de 1848 não impedia a utilização de outros métodos.

Nos regulamentos de 1873 e 1877, houve a indicação do método misto, uma combinação do método mútuo e do individual para o ensino das primeiras letras.

Nesse período os inspetores e demais responsáveis pela condução da política educacional capixaba já questionavam os baixos resultados alcançados na alfabetização, creditando à falta de habilitação dos professores nos métodos modernos a responsabilidade, pois os mesmos seguiam os métodos em parte. Por outro lado os professores também queixavam-se da “falta de hum edifício com a capacidade necessária ao lugar, que a Lei designou”².

Tal fato ocorria também devido aos usos e apropriações que os professores faziam acerca dos métodos, o que nos dar a ler o relatório do professor João Ortiz em 8 de abril de

² Queixa do professor da segunda cadeira das aulas de primeiras letras da capital da província citadas na fala do Dr José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim no dia 23 de maio de 1845 na abertura dos trabalhos da Assembléia Provincial.

1861, informando acerca dos bons resultados que estava conseguindo obter com o método eclético:

O método que me tem ajudado a alcançar esses resultados, que provão uma reforma na marcha seguida até aqui em todas as escolas da província, é o eclectico, porque é uma fusão ou amalgama dos três systemas de ensino, conhecidos com a denominação de mutuo, simultâneo e individual [...]

A partir de 1882 ocorre a proibição do método mútuo e individual, não permitindo o uso de decuriões ou monitores, sendo o professor o responsável por lecionar a todos os alunos, prevendo a utilização do método intuitivo ou Lições de Coisas.

Posteriormente na reforma promovida por Gomes Cardim em 1908, o método prescrito para o ensino primário continuava a ser o intuitivo, e a queixa em relação aos métodos persistia, seja na adoção de métodos antigos ou ainda na falta de adoção de um deles.

Na década de 1930, Gomes (2008), destaca que tendo em vista os discursos produzidos no período, relatos de inspetores, termos de visita e as Cartilhas adotadas de 1924 a 1938, o método era o de marcha analítica.

De acordo com as fontes analisadas, o ensino da leitura, destinado aos alunos analfabetos iniciava com “lições de leitura” no quadro negro, considerava-se alunos com bom desempenho na leitura aqueles que já estavam lendo na cartilha.

Alberto d’Almeida, professor assistente de aula activas Grupo Escolar Gomes Cardim, em relatório sobre os trabalhos desenvolvidos no Grupo Escolar Gomes Cardim enviado em 10/09/1930 ao Secretário da Instrução, descreve a forma como se dava o ensino da leitura naquele grupo escolar:

A professora Diva Neves dirige os trabalhos da sala de expressão e pelo que notei no ensino da leitura das principiantes a professora vem seguindo o processo natural, muito animado, e às vezes, até musicado o trecho da leitura. Assim, além da tonalidade e modulação da voz, os alumnos aprendem o rytmo necessário a quem lê, a quem enuncia ou diz alguma coisa.

Outra prática realizada pelas professoras no ensino da leitura refere-se a declamações, concursos de declamações, como podemos verificar no relatório do Grupo Escolar Deocleciano de Oliveira enviado ao Secretário da Instrução em 17/11/1931:

[...] Aos sábados reúnem-se todas as classes no salão de honra para a aula de declamação e canto. Foi instituído um concurso de recitação sendo o júri composto pelas próprias creanças. Cultiva-se assim o patriotismo, entusiasmando-se as creanças pelo gosto ás belas letras e aos difíceis segredos do saber dizer [...]

Com base nos relatórios de inspetores na década de 1930, podemos localizar algumas estratégias para difundir o método adotado pelo governo:

[...] Em palestras sucessivas tenho, tenho explicado os novos e efficientes methodos da Escola activa [...] (Termo de visita do Inspetor: Francisco Generoso da Fonseca, São Mateus, 29/09/1930)

Palestras e exposição do método da escola ativa, eram estratégias utilizadas pelos inspetores do período para que houvesse “aproveitamento” no ensino das primeiras letras. Esse “aproveitamento” era relacionado ao fato das professoras ensinarem com método e de acordo com o programa oficial. Nas turmas em que não encontravam “aproveitamento”, julgavam ser devido a não utilização dos modernos métodos de ensino.

Mesmo encontrando escolas sem as devidas condições físicas e materiais, como podemos verificar nos termos de visita abaixo, a responsabilização pelo fracasso escolar era dirigido ao despreparo dos professores e a não aplicação do método.

[...] Peço a V. Exia. Povidenciar, para o material que falta, em grande parte, ao Grupo Escolar Amâncio Pereira, e por completo, as escolas do interior, em algumas das quais não existe um só objecto fornecido pelo governo [...] certas escolas do interior não possuem sequer um quadro negro[...] (Termo de visita do Inspetor: Francisco Generoso da Fonseca, em 29/09/1930)

É lamentável mesmo e triste a impressão que se tem o entrar numa escola ao ver-se mais de 60 crianças de joelhos para poderem escrever sobre bancos servindo de mesas - Faço aqui um appelo ao Sr. Secretário no sentido de ser enviadas pelo menos 25 carteiras. (Termo de visita do inspetor: Archimino Gonçalves, em 23/05/1938)

Tal justificativa insere-se no contexto da Escola Nova, sendo que a teoria escolanovista em suas origens localizava as causas para o fracasso escolar nos métodos de ensino e não nos alunos, ou seja, em fatores intra-escolares do rendimento escolar (PATTO, 1999).

Considerações Finais

No trabalho objetivou-se mostrar como a questão do método, portanto, a formação dos professores nos métodos modernos, foi central no discurso educacional do período pesquisado, questão que deixaria de ser tão central décadas depois, 1980 e 1990, com a desmetodologização do ensino da leitura e da escrita.

Essa desmetodologização pode ter suas origens nas mudanças ocorridas nas formas de conceber as causas do fracasso escolar dos fatores intra-escolares (métodos) para fatores extra-escolares do rendimento escolar (carência cultural).

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. (1994). **A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. (1982). **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária.

CHARTIER, Roger. (1985). **A História Cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: DIFEL/Bertrand. Original em francês: 1982.

_____. (2002). **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietude**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. Original em francês: 1998.

GOMES, Silvia Cunha. (2008). **A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938**. Dissertação Mestrado em Educação. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **A alfabetização na história da Província/do Estado do Espírito Santo (1870-1920)**. Relatório de Pesquisa. UFES, 2008.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Fontes manuscritas

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Fundo Educação**.

Caixas: 139 B; 140 A; 141A; 142; 123; 144; 145.